



## Formação litúrgica



ARQUIVOJFC

# Mística celebrativa (1)

Há um sagrado segredo que dá segurança a quem cultiva, que convence a quem entra em sintonia e se impõe, sem forçar, assim como se estivesse vendo o invisível e ouvindo o inaudível.

Parece estar fora da lógica, mesmo fazendo parte da lógica da vida.

Vai além das mãos e dos sentidos.

Entra e sai pelo coração e passa a se tornar uma força subterrâ-

Frei Luiz S. Turra, OFM Cap.\*

O empenho histórico da Igreja, na tarefa de atualização litúrgica, revela o apreço e o respeito pelos tempos novos, mas também pela sacralidade dos tesouros da sua liturgia. O esforço de inculturação confirma a sensibilidade no reconhecimento dos valores e contribuições das diferentes culturas e também da força provocadora da liturgia na vida das pessoas e das comunidades, para sua conversão.

Passados mais de 40 anos da grande virada litúrgica do Concílio Vaticano II, parece claro que precisamos prestar atenção para algo mais profundo e consistente. Hoje estamos provando, mais do que nunca, que o “novo pelo novo” já não resolve, nem a tentativa de fixismo fundamentalista, por si só não responde. Continuamos vendo grupos com medo do novo e, ao mesmo tempo aventureiros de um novidadeirismo que passa com o ritmo da moda. Isso cansa

e desgasta os agentes e o povo de Deus em sua caminhada de fé.

A participação e a comunicação, a motivação e a mobilização popular clamam por um cultivo da mística celebrativa, que ajuda no crescimento de uma fé adulta, uma esperança criativa e fiel e um amor-caridade capaz de tornar acreditável a seriedade histórica da força transformadora do Mistério Pascal.

### Um sinal de alerta

Não podemos falar de mística celebrativa, sem evocar o nome do inesquecível teólogo, do século passado, Karl Rahner, que olhou para o futuro e o viveu e pensou como profeta. Seu grande sinal de alerta parece ser cada vez mais atual: “O cristão de amanhã será um ‘místico’, alguém que já experimentou algo, ou não será nada, porque a piedade de amanhã não será sustentada por uma convicção pública, unânime e evidente, anterior a uma experiência e decisão

peçoais, nem por um costume religioso geral”.

Este sinal de alerta, publicado há tanto tempo, parece tornar-se a chave que nos ajuda a superar as lamentações de quem se deixa abater pelo número de participantes de nossas assembléias, ou por não poder mais responder às exigências do novo. Se olharmos para a riqueza do que já se escreveu sobre liturgia, se fizermos um levantamento da quantidade e qualidade de nossas composições musicais, para os nossos hinários paroquiais, diocesanos e nacionais, com sinceridade nos perguntaremos: o que está nos faltando? De que mais o nosso povo sofrido e desesperançado precisa? Qual poderá ser a mais saudável atenção que nos deixará felizes em nossa pastoral e em nossos exercícios religiosos?

Depois de uma ilusória segurança das grandes descobertas científicas e técnicas que envaideceram a era moderna, a humanidade vive, hoje,

uma fome e uma sede profunda que se constitui num grande anseio de Deus. A experiência mística parece florescer como único espaço seguro onde se pode construir o edifício existencial, religioso e comunitário. Nele tudo encontra a justa medida.

### Envolvidos pelo Mistério

Em nossa existência e nossa história, o primeiro passo para o crescimento místico não se dá por um esforço humano de querer definir, metrificar, calcular e captar o Mistério, mas por deixar-nos envolver pelo constante dinamismo criador e salvador de Deus. Como Jacó que assim falou ao despertar do sonho: “De fato, Deus está neste lugar, e eu não sabia disso” (Gn 28,16). Como o Salmista, no Salmo 139, ou como Paulo, em seu discurso no Areópago de Atenas: “Deus não está longe da cada um de nós! Nele vivemos, nos movemos e existimos” (At 17, 27b-28).

Esta base de sustentação sempre dinâmica e criativa é aquela que assegura o fio condutor e de toda uma celebração litúrgica com as alternâncias de sua diversidade. A celebração litúrgica não é uma colcha de retalhos, mas uma unidade dinâmica e envolvente que chama a todos à comunhão e à participação. Encontrar-se como humanos em assembléia; caminhar em procissão; clamar o perdão e louvar; acolher a Palavra e meditá-la; aclamar a Boa-Nova e aproximá-la da vida; apresentar e consagrar o pão e o vinho; glorificar e fazer comunhão; valorizar o espaço, os ritos e os símbolos; dar atenção à palavra e escutar o silêncio; cantar e rezar, tudo isso



IBES PONTIM

vai criando corpo, se tornando vida, dom e compromisso, na medida que em nós se fortalece a mística celebrativa.

### Nossa relação mística

Com a vida e a liberdade nas mãos, como a terra necessitada do sol e o rio da fonte, somos chamados a treinar concretamente a proximidade de Deus, chamando-o prazerosamente de “Tu”, entrando em sintonia com seu amor, sempre Criador e Salvador. Neste Caminho, do Pai vem a nós e de nós vai ao Pai Jesus de Nazaré, o Cristo crucificado e ressuscitado. E, neste Mistério Pascal, nada do que é humano é estranho a Deus, nem mesmo o nosso pecado.

Nossas celebrações passam a ter outro sentido, outras motivações e outro dinamismo, quando vamos

cultivando a Mística sustentadora e significativa de tudo o que acontece. Caso contrário podemos fazer belos teatros e representações sem efeito de transformação, desprovidas de alma e significado. A mística que confere consistência e dinamiza nossas liturgias é também aquela mística que dá sustentação a nossas obras, nossos empenhos e compromissos de solidariedade junto aos sofrimentos e carências humanas. Os verdadeiros místicos sempre carregam consigo o sagrado segredo em suas lutas e vitórias e em sua fidelidade sempre renovada.

### Conclusão

A verdadeira mística celebrativa, para ser o que deve, precisa animar a Igreja em sua relação com Deus e seus projetos, com os humanos em suas necessidades e com a humanização do mundo, seja pela oração, seja pelo trabalho, motivado pela certeza de que possa ser mais digno para os Filhos e Filhas de Deus. A verdadeira fé nutrida pela mística, e a verdadeira mística nutrida pela fé, necessita ser acolhida como dom e se manifestar como compromisso concreto e real na vida e convivência de cada dia. A piedade cristã é chamada a ser também “piedade política”.

\* Frei Luiz Turra, Ordem dos Frades Menores Capuchinhos.

### Para refletir

- Como e quando podemos perceber e sinalizar o cultivo da Mística celebrativa em nossas liturgias?
- Participando de nossas celebrações, como podemos incentivar concretamente a Mística celebrativa?
- Quando nossas celebrações manifestam profundidade e quando se tornam superficiais?

